

Lisette Weissmann

Gostaria de começar me apresentando para contar um pouco sobre meu percurso e tentar estabelecer as redes que deêm conta de minha linha de pensamento.

Eu sou uruguaia e me formei no Uruguai na línea da Psicanalise das configurações vinculares, percurso que nasce da psicanálise individual e da tentativa de dar conta dos pedidos de atendimentos a famílias, casais, grupos e instituições. Acredito que sempre são as práticas que nos convidam a pensar e modificar tanto nossas teorias como nossas técnicas. Porém a partir dos processos psicanalíticos individuais que ficavam truncados e estancados, começa a se pensar nos vínculos, como o paciente que bate na porta em nossos consultórios. O trabalho psicanalítico vincular se centra no atendimento aos vínculos: casais, famílias, grupos.

Agora, voltando ao tema: ciúmes, penso que um tipo de vínculo que geralmente é propenso a ter, e criar ciúmes são os relacionamentos de casal. Penso os ciúmes nos casais, como parte das escolhas, já que quando um sujeito Pedro escolhe uma Ana, deixa de escolher a todas as outras Anas que habitam no planeta para se tornar aquele que pertence ao vínculo, relacionamento, namoro, casal, ou como eles queiram chamar esse vínculo entre Pedro e Ana. Da mesma forma todos os outros Pedros do mundo ficam excluídos desse relacionamento. Esse contrato que se estabelece entre o par do casal faz parte do imaginário social, espaço que da um lugar para dupla em exclusão das outras escolhas possíveis. Isto não é assim no psiquismo individual de cada um dos sujeitos que fazem essas escolhas, já que na fantasia todos os cenários são possíveis. Talvez o segredo dos ciúmes fica no lugar em que todas essas Anas excluídas e esses Pedros excluídos irão ocupar. Lugar de terceiro excluído, daquele que fica como estrangeiro desse vínculo em específico, ficando por fora do espaço de intimidade que delimita o pertencimento a esse dado vínculo. Quando falamos do conceito de pertencimento delimitamos um dentro e um fora como espaços a serem habitados, e que também demarcam uma escolha subjetiva por pertencer. Os autores dizem que na escolha do outro, esse sujeito transforma-se em outro privilegiado para aquele que o escolhe.

Quando pensamos nos ciúmes, parece que todos aqueles que foram deixados de fora e excluídos daqueles relacionamentos, aparecem em nossa frente para tentar dar conta dos distintos formatos e casos que discutimos. Assim assistimos: 1) por um lado a casais nos quais o terceiro aparece como fantasma, fantasma que cria a discórdia ao mesmo tempo em que une o casal, ou 2) aquela situação em que o terceiro aparece como real no formato de amante. Um amante pode ocupar distintas posições: 1) pode se tratar de um sujeito escolhido que poderíamos chamar de uma escolha assubjetiva ou utilitária nos termos da sociedade contemporânea, como alguém que só é enxergado como puro corpo (piada sexo puro, ou puro sexo), ou 2) de outra forma como aquele amante constante que tem uma estabilidade como amante do mesmo sujeito, papel diferente da esposa/o. Dentro do vínculo de amantes, então, teríamos aqueles relacionamentos de amantes em que o sexo é o carro chefe, o principal. E

aqueles que ao sexo vão se adicionando outros reforços libidinais que chamarei de “temperos vinculares”.

Estou tentando abrir o leque de possibilidades para os distintos formatos de relacionamentos que vamos escutando na consulta. Por sorte, o consultório jamais deixa de nos impactar e providenciar surpresas, trazendo novas formas de armar um relacionamento na contemporaneidade; e eu agradeço que isso seja assim, pois isso mantém vivo nosso interesse pela pesquisa e o conhecimento, assim como mobiliza nossos próprios afetos.

Dentro da teoria das configurações vinculares, principalmente os autores argentinos Isidoro Berenstein e Janine Puget foram tentando ver até que ponto a psicanálise que Freud nos deixou como legado dava conta dos conjuntos vinculares e até onde teríamos que começar a escrever teoria para tentar compreender aquilo para o qual a clínica vincular nos convoca. Porém a teoria começou a tentar dar conta dos diversos formatos de casais e sua estrutura inconsciente que os demarca e os sustenta. Esse formato inconsciente foi chamado nos casais, como rodapé inconsciente. Estrutura que suporta o relacionamento ao mesmo tempo em que da coesão ao mesmo. Agora tentarei dar conta daqueles modelos desenhados sem estender-me em aqueles que não aportem ao tema.

Foi delineada uma tipologia para diferenciar diversos formatos que os vínculos de casal podem adquirir. Dentro da tipologia do vínculo de casal, achamos primeiro a estrutura zero, como matriz inconsciente base de todas as outras. Depois a estrutura dual, estrutura de terceiridade limitada e estrutura de terceiridade ampla. Vou me deter na estrutura de terceiridade limitada, já que acho que dá conta do quanto os ciúmes podem ser estruturais na formação do relacionamento.

Achamos, assim, os casais que tem um funcionamento enciumante-ciumento. Vemos aqui uma dupla posição dos sujeitos que fazem parte desse conjunto, por um lado àquele que faz o parceiro sentir ciúmes, posição a partir da qual um faz com que o outro atue. Supostamente em um lugar passivo induz o outro a atuar ativamente os ciúmes. O outro sujeito adotaria uma posição ativa ao ter ciúmes e os opera.

Quando refletimos sobre os vínculos— e um casal é um vínculo com uma base inconsciente que o suporta—, falamos também de um trabalho que acontece dentro dos vínculos. Os sujeitos que fazem parte desse relacionamento tem que construir um elo, um laço o que nos chamamos do “entre” esses dois sujeitos. Os vínculos constroem intersubjetividade a partir dos encontros, da passagem do tempo e das marcas que um sujeito gera no outro intrasubjetivamente e intersubjetivamente. Porém, quando falamos de um trabalho vincular estamos nos referindo a uma atividade que os sujeitos realizam para continuar alimentando o vínculo, fazendo ele mais complexo e enriquecendo o mesmo. Se esse trabalho vincular não se faz, o vínculo se esvazia de sentido, de riqueza vincular e de libido que os dois sujeitos investem nele, porem fica com um laço empobrecido e fraco.

Todos esses adendos tentam explicar um pouco de teoria da Psicanálise das Configurações Vinculares ao mesmo tempo em que estou me aproximando dos vínculos enciumante-ciumento.

Os psicanalistas Janine Puget e Isidoro Berenstein no livro *Psicanalise do Casal*, descrevem esse tipo de vínculo no qual “o terceiro tem um papel peculiar, outorgado por sua imprescindibilidade, para dar lugar à criação de uma cena, na qual é imaginada uma relação maravilhosa entre um ego e um outro ego externo, cuja maior fonte de prazer seria a exclusão de um terceiro ego.”

“Um dos dois ou ambos serão forçados na posição de ciumento. O outro é imaginado em uma relação de fusão dual, maravilhosa, com um outro que, inclusive, pode ser ele próprio ou o terceiro. Não seria um prazer genuíno, mas um prazer associado ao sofrimento do outro. Baseia-se na idéia de uma cena primária de nível pré-genital e sádica, capaz de exercer fascinação.”

Geralmente, esses tipos de casais na consulta apresentam a característica de não conseguir se escutar, já que por um lado acham que aquilo que se diz na consulta (lugar em que o analista se instala como terceiro que escuta) não deveria ser dito lá, por outro lado o terceiro-analista pareceria lhes assegurar de se defrontar com o outro como autônomo. Aceitar o outro com seu lugar de alteridade, de ‘ajeno¹’ como nos chamamos em espanhol implicaria aceitá-lo com vida própria, independência e possibilidade de escolha. Às vezes, os sujeitos, para não renunciarem a essa estrutura de terceiridade limitada, se incluem, adotando o lugar de excluído ciumento, situação esta que perpetua a tipologia vincular de enciumante-ciumento. Puget e Berenstein acabam nos dizendo que “o funcionamento ciumento tem um parentesco com o perverso, enquanto erotização de uma situação a três, na qual um dos dois egos do casal está situado no excluído e pendente da relação do outro ego, fundido com um terceiro. É uma defesa diante das angustias derivadas de um funcionamento narcisista enlouquecedor-enlouquecido, ou pelo contrário pode evoluir, passando desse estado para outro de maior complexidade”.

Gostaria de trazer agora um caso clínico que acho poderia nos auxiliar para pensar os ciúmes em um relacionamento de casamento. Essa situação analítica vincular tem me feito pensar muito em como por em palavras para eles nos atendimentos o porquê da estrutura vincular inconsciente que os prende e que é a queixa que os traz a consulta, já que ocasiona intenso sofrimento vincular.

Trata-se de um casal, Joao e Maria (eu sempre nomeio os casais de Joao e Maria, talvez deveria mudar e começar a chamá-los de Adão e Eva, já que todos viemos de lá como casal mítico) voltamos a Joao e Maria, eles vem na consulta com uma queixa de um episódio de infidelidade dele que deixa Maria muito ciumenta e medrosa frente ao relacionamento. No devir do trabalho vincular trazem as intensas brigas entre eles, a desconfiança dela, o silêncio dele, o que ele omite de dizer e as mentiras de Joao que o permitem de se esconder para não falar de frente aquilo que o à queixa, mas sobre tudo implica não expor necessidades dele que poderiam ser ‘ajenas’ diferentes ao que ela imagina. As frustrações entre a realidade que o outro impõe a Maria e o que ela fantasia que o outro precisa a deixam com muita raiva e isso faz que com que ela perca o controle e dispare palavras para magoar o outro, muitas vezes alheias à realidade dos fatos, mas que atingem o alvo de desprestigiá-lo. Maria desqualifica

¹ O conceito de ‘ajeno’ em espanhol não tem uma tradução direta ao português, pois alheio pode ter outras acepções e alteridade não o cobre em seu sentido mais profundo, porem uso o termo em espanhol.

Joao, para impedir de sentir inveja dele a quem imagina em um vínculo especial com a amante, vínculo que estabelece uma triangulação. Frente aos descontroles de Maria, Joao adota uma posição passiva, pois acha que se ele também se enfurece e a contraria isso aumentaria o descontrole e as afrontas de Maria contra ele. Por um lado Joao não aguenta a raiva e por outro lado, Maria não consegue frear seus impulsos destrutivos. Eu diria que aqui se unem a fome com as vontades de comer, Maria se descontrola frente à frustração, Joao permanece calado e reforça a sensação de manter um segredo, ou um vínculo com outro-outra do qual exclui a Maria, mas frear a Maria implicaria ficar exposto e mostrar quem ele é. O silêncio dele ao se juntar com o desamparo dela funciona como uma armadilha que confirma as fantasias de traição. Dita traição abre uma ferida narcísica, já que o outro “escolhido” do vínculo perde o lugar de outro privilegiado, na entrada do terceiro.

Continuamos no trabalho vincular e nos defrontamos com os modelos familiares parentais de cada um deles.

Tenho que fazer outra digressão do caso aqui, para explicar que cada sujeito advém ao vínculo de casal com modelos intrapsíquicos que remetem ao objeto casal que cada um traz. Esses objetos internos vão se conformando na infância e nos diversos relacionamentos posteriores que se inserem sobre aquele dos momentos infantis. Aqui estou apontando aos vínculos que deixam marcas no psiquismo individual de cada um dos sujeitos do vínculo. Esse modelo de casal que cada sujeito do relacionamento traz ao casal tem a ver com fantasias que depois a realidade do vínculo fará com que se repitam, ou se modifiquem ou ficarão como empecilho para que o vínculo evolua e se estruture como tal.

Voltamos a Joao e Maria. Joao nos diz que esses modelos estão dificultando o relacionamento deles e acha que seria fundamental conseguir fazer escolhas e trazer o melhor de cada um desses modelos, deixando fora aquelas características ou peculiaridades com as quais eles discordam. Ele diz “vamos trazer o melhor de minha família com o melhor da sua e fazer uma nova”. Um denuncia o estilo familiar do outro na análise, sobretudo aquilo que os incomoda. Maria reproduz um modelo de casal parental briguento, no qual a mulher sempre desvaloriza e ataca o homem. Joao reproduz um modelo de fuga das situações difíceis de lidar através da mentira, tentando dessa forma evitar o confronto e a discussão. Vemos como a forma de lidar com o vínculo de casal reforça o outro, quanto mais Maria briga, mais Joao mente ou omite para se proteger e não ficar sem proteção frente ao confronto dela. A partir dali eles começam a reconhecer o objeto casal que cada um traz ao vínculo, e uma vez conscientes disso escolhem como escrever a história desse vínculo entre eles.

Maria tenta se controlar frente aos acessos de raiva que sente quando é frustrada e Joao promete não mentir mais e tolerar a realidade das pequenas coisas do dia-a-dia. Vão andando juntos nesse caminho escolhido, melhorando na comunicação e aproveitando da companhia um do outro. O clima de mal-estar se modifica e começam a ter uma situação de maior proximidade e sensação de felicidade por estar juntos.

Voltando ao tema dos ciúmes, gostaria de reforçar que neste caso aconteceu uma situação real vivida entre eles. Joao deixa aberto o computador quando desce do apartamento em que

eles vivem para fumar no térreo, e Maria descobre pelo computador seus e-mails. Ela olha na caixa postal dele e lê e-mails comprometedores que o relacionam com uma colega de trabalho. Caberia nos perguntar por que Maria lê os e-mails, será que o fantasma do terceiro já estava circulando entre eles? Por outro lado Joao deixa aberto o computador para ela olhar. Esse acontecimento é a causa principal que os trazem a análise de casal, já que as brigas e as crises de angústia se incrementaram muito depois desse episódio.

Porém, gostaria de ressaltar que neste caso, o terceiro não se resume a uma posição na fantasia, mas que teve um espaço real, no lugar de Rosa, colega de trabalho dele. Maria pergunta muitas vezes se Joao a traiu de fato tendo sexo com Rosa, e ele sempre vagamente diz que não, que não passou de um xaveco que eles no matrimônio estavam mau no relacionamento, cada vez mais afastados e ele brincava com a colega de trabalho.

Depois de uns meses, Joao consegue um trabalho novo que muito almejava. Anteriormente, ele trabalhava nos finais de semana e eles tinham poucos momentos de encontro. Inclusive, a análise acontecia na única noite que eles podiam acabar o trabalho com tempo para vir à consulta. Frente ao trabalho novo de Joao, Maria diz estar muito feliz, já que ele estaria sendo valorizado por sua profissão. Vou relatar um trecho da sessão:

Maria: Eu estou tão feliz de passar mais tempo junto, mas eu não sinto a mesma coisa do lado dele, eu sinto que ele diz não não não, só coloca barreiras está sempre sendo do contra.

Joao: Não entendo, passamos um final de semana bom e agora você diz que eu não quero ficar junto com você! Você não é justa.

Maria: A única coisa que te faz feliz é ter deixado o antigo trabalho e eu falei que não vou me divorciar de você. (eu fico nesse momento como terceiro excluído, já que não entendo de que estão falando)

Joao: (tentando me incluir explica o que aconteceu) Estávamos tomando banho juntos e ela falou que não quer mais se divorciar. Mas Maria, não entendo o que te chateia é que eu não demonstro como você espera.

Maria: Eu achei que isso seria importante para você, mas acho que tanto faz.

Joao: Eu não demonstrei do jeito que você esperava.

Maria: Você não falou nada. Frente a sequencia de nãoos voltei a ficar sozinha. (Discutem por um incidente)

Maria: Eu não acredito, ele mente para não me deixar chateada, ele nunca fala.

Joao: Faz 6 meses que venho aqui, quando deixei de falar alguma coisa? Me diga, por favor!

Maria: Tem razão não tem mentido, mas gostaria de saber: você esta feliz?

(Neste momento Maria muda o tom de voz, Joao se sente valorado e o clima vincular muda, algo que tinha acordado se acalma)

Joao: Tou feliz sim. Mas, você não acredita, então não vale a pena nem perguntar nem responder.

Maria: É verdade você não mentiu mais, é que saiu a sombra da porcaria do divórcio. Eu tenho ciúmes, sou muito ciumenta, quando namorávamos Joao terminou comigo porque não aguentava meus ciúmes, eu continuo ciumenta, tenho ciúmes de amigos. Desconfio.

Joao: (olha fixo nos olhos dela) A gente não está conseguindo?

Maria: Tamos, para mim virou a página, não tem segunda vez se eu desconfiar, acabou, não vou ser uma mulher traída de volta. Não falamos mais disso, mas se acontecer não vai ter superbonder que conserte. O que acontece que são 20 anos que escuto mentiras, então, estou sempre com um pé atrás. Acreditar nele é difícil, eu nem pensava ao respeito disso antes, não é natural, mas.... (muda o tom acusatório)

Eu pergunto para eles porque surge agora na conversa o episodio da traição e os ciúmes.

Maria: Prefiro não saber por que tenho ciúmes

Joao: Não me complique

Maria: Ele jogou minha confiança no lixo.

Joao: Eu tenho medo que em alguma festa com os colegas de trabalho Maria entenda mal como me dou com meus colegas, tenho medo.

Maria: No namoro, eu achava que todas as mulheres se jogavam no colo dele e ele deixava rolar, ele trouxe todo a tona, eu confiava mas....

Explico que parece que o novo trabalho acorda novamente os medos frente aos desconhecidos que ele vá encontrar no caminho, mas quando ela abandona a possibilidade de se divorciar, Joao está escolhendo tomar banho com ela e não com as outras mulheres, da mesma forma em que Maria escolhe continuar casada com ele e não desfazer o casamento.

Maria: Eu me quero ver livre disso

Pergunto se ela não se sente que as palavras de Joao a acalmam; e ela diz que sim.

Joao: Acalmam, mas não morre, parece que você sempre vai relembrar.

Vemos como a confiança é um sentimento que vá se construindo a duas pontas, ele vá lhe dando mais segurança e ela vá confiando mais, reconstruindo aquilo que foi para o brejo, mas tendo pela frente um trabalho vincular que vão ter que conquistar juntos. Às vezes, os casais acham que só na consulta de casal essas desavenças vão reverter e não sabem que vão ter que se embarcar no que nos chamamos de trabalho vincular. O vínculo tem que ser sempre construído, reconstruído, é como uma planta que precisa de cuidados. No imaginário social no casamento o casal ficará “felizes para sempre”, “o chinelo velho para um pé cansado” são todas as promessas nas quais ninguém fala do trabalho constante que o vínculos precisam para continuar se alimentando e crescer, ou morrer e ser abandonados.

O INCONSTANTE Pablo Neruda

Os olhos se me foram

Atrás de uma morena

Que passou.

Era de nácar preto

Era de uvas moradas

E me azotou no sangue

Com sua cola de fogo.

Detrás de todas

Eu vou.

Passou uma loira clara

Como uma planta de ouro

Balanceando seus dons.

E minha boca se foi

Como uma onda

Descarregando em seu peito

Relâmpagos de sangue

Detrás de todas

Eu vou.

Mas a te, sem mover-me,

Sem te olhar, você distante,

Vão meu sangue e meus beijos,

Morena e clara minha,

Alta e pequena minha,

Larga e magra minha

Minha feia, minha beleza.

Feita de todo o ouro,

De toda a prata,
Feita de todo o trigo
De toda a terra,
Feita de toda a agua
De todas as ondas marinas,
Feita para meus braços,
Feita para meus beijos,
Feita para minha alma.

Psicologa Lisette Weissmann
Rua Professor Vahia de Abreu 383/141
Vila Olímpia SP 04549-002
Tels (11)38499636 – (11)994316233
lisettewbr@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

Berenstein I & Puget J. *Psicanalise do Casal*, Porto Alegre, Artes Médicas 1993.

Neruda P. *Los versos del capitan*. Buenos Aires, Losada, 1953.